

MUSICOTERAPIA E COMUNIDADE

Marly Chagas ^{1, 2}

A preocupação acerca da aplicação da musicoterapia em comunidades, só recentemente se apresenta no panorama de nossas investigações. O mais antigo trabalho publicado, que eu tenho conhecimento, envolvendo a temática da musicoterapia em comunidades, é da Argentina, escrito, na década de 80, e relata a intervenção dos musicoterapeutas Claudia Banfi e Carlos Fregtman em uma Comunidade dia (Fregtman, 1989).

A investigação e a pesquisa em ciências sociais, tendo as comunidades como um campo particular de estudo, só ganharam ênfase a partir da revolução no paradigma da própria ciência (Campos, 1998). Deixando de ocupar um lugar privilegiado do saber - aquele que indica caminhos e soluções únicas e prévias para qualquer realidade – e abandonando a utopia do homem universal, a ciência passou, em seu novo paradigma, a incluir a compreensão de saberes locais, contribuindo com a busca de soluções mais particulares, com o levantamento de novas problematizações e com a construção de diálogos complexos (Chagas, 2001).

¹ Texto apresentado em mês redonda do I Congresso Latino-americano de Musicoterapia -III Encontro Latino-americano de Musicoterapia, Buenos Aires, 2001

² É com muito orgulho que participo do III Encontro latino americano e I congresso latino americano de musicoterapia, na Argentina. O tema de nossa mesa “A musicoterapia em comunidades”, ousado e instigante, faz-se um tema transformador - revestido esse aqui e agora dos tons dramáticos deste palco político argentino - para a nossa grande comunidade latino-americana, na era da globalização perversa.

Milton Santos, visionário geógrafo brasileiro, recentemente falecido, aponta o caminho da solidariedade dos vizinhos, da federação da proximidade, como a via para transformarmos a solução única imposta pela informação e pelo dinheiro, em consciência universal. Aposta ainda na força da cultura popular como sendo a via de acesso dos povos e dos lugares, a via de acesso do ser humano voltando a ocupar o lugar de centro da preocupação social. A música, a musicoterapia, enfim, nós estamos todos metidos até o pescoço neste caminho. A América latina canta e chora. A argentina luta bravamente. E estamos aqui para mais do que aplaudir, estamos aqui para ararmos juntos, hoje, este terreno do amanhã.

Parabéns pela coragem! E pela esperança!

A descoberta do campo particular da comunidade faz parte, portanto, de um movimento de avaliação crítica do papel social das ciências, do paradigma da neutralidade científica. É importante registrar o fato de terem sido os trabalhadores de Saúde Mental quem primeiro inscreveu as comunidades no âmbito da investigação científica (Sawaia, 1998). Banfi e Fregtman são representantes desta vanguarda.

Muito se tem desenvolvido o conceito de comunidade e, atualmente, está nele incluído a idéia de comunidade como o lugar em que a vida é vivida (Campos. 1998 p9). E a vida é vivida em bairros, no trabalho, nas creches, nas escolas...

Bruscia ao estudar os meandros do nosso ofício, com a finalidade de definir a musicoterapia, denominou musicoterapia ecológica a área de atuação específica na comunidade, área onde "*muitas de suas práticas ainda não foram identificadas, contextualizadas ou mesmo desenvolvidas*" (Bruscia, 2000, 239).

* * *

Com a intenção de procurar elementos que nos auxiliem a pensar nos **termos teóricos** da musicoterapia em comunidade, recorro à psicologia social comunitária, disciplina que inspira a sistematização. Esta perspectiva parte do pressuposto de que o conhecimento se produz na interação entre o profissional e os sujeitos da investigação enriquecendo, em termos teóricos, a problematização da relação entre a produção teórica e a aplicação do conhecimento (Campos, p10). Na musicoterapia em comunidade, a força do conhecimento também nasce da interação entre o profissional e a comunidade. Para exemplificar, podemos citar dois projetos brasileiros, envolvendo comunidades completamente diferentes, iniciados recentemente pelo Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro: o primeiro abrange três abrigos estaduais para adultos em situação de rua e o segundo um hospital para pacientes oncológicos. A principal perspectiva teórica desse trabalho é o não saber *a priori*. Estamos construindo um

conhecimento que se desenvolve a partir do nosso próprio processo de envolvimento. Do ponto de vista da aplicação da técnica musicoterapêutica nas comunidades, concordamos com Bruscia quando afirma que nas práticas ecológicas

“a terapia ultrapassa os limites de tratamento, independente do setting, ela também se estende para além da relação cliente terapeuta para incluir diversas camadas de relação entre cliente e a comunidade e entre as comunidades” (Idem, p 239).

Creio mesmo que o desafio maior está na possibilidade de olhar todo o campo como parte do trabalho do musicoterapeuta. A intervenção se dá na comunidade, o cliente é a comunidade.

* * *

Em **termos de metodologia**, a psicologia comunitária utiliza-se da metodologia da pesquisa participante, na qual o pesquisador e os sujeitos da pesquisa trabalham juntos na busca de explicações para os problemas colocados, no planejamento e na execução de programas de transformação da realidade vivida (Campos, p11). Esta é a postura encontrada em grande parte dos cientistas sociais contemporâneos.

Isto significa que, para a execução do trabalho em comunidades, mais do que um profissional treinado em sua visão clínica, o musicoterapeuta precisa ser um investigador. Precisaremos partir do ponto inquietante do não saber para a descoberta de ações; participaremos deste processo aberto de investigação das realidades, que se apresentam sempre novas. A prática metodológica da pesquisa qualitativa pode nos oferecer a possibilidade da participação sistematicamente anotada e compreendida passo a passo.

* * *

Em termos de valores, os trabalhos da psicologia comunitária enfatizam, sobretudo, a ética da solidariedade, os direitos humanos fundamentais e a busca da melhoria da qualidade de vida da população localizada (Campos, p11). “Seu problema central é a transformação do indivíduo em sujeito”(Bonfim, apud Campos, p11).

Tipicamente, os trabalhos comunitários partem de um levantamento das necessidades e das carências vividas pelo grupo-cliente, sobretudo no que se refere às condições de saúde, educação e saneamento básico. Em musicoterapia poderemos pensar em levantar às preferências musicais, a forma de integração não-verbal, a existência dos rituais comunitários, e também a forma de andamento, o ritmo e a altura musical das conversas e o repertório de memórias sonoras.

Utilizando-se igualmente dos métodos e dos processos de conscientização, a musicoterapia, trabalhando com grupos populares, poderá contribuir para que as pessoas neles envolvidas assumam seu papel de sujeitos de sua própria história, donos de suas próprias vozes e ritmos, cidadãos ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados.

* * *

No projeto Buscando Caminhos, eu e o musicoterapeuta Ronaldo Millecco trabalhamos, de dezembro de 1999 a janeiro de 2001, com educadores de meninos de rua, em quatro instituições municipais do Rio de Janeiro. Em uma delas, o elemento mais marcante de muitos de nossos encontros, foi exatamente a avaliação da inserção institucional dos participantes do grupo, a interpretação das relações de poder. Apresento aqui alguns trechos selecionados dessa avaliação feita nas sessões de musicoterapia; os participantes disseram:

- *Isso me fez muito bem, eu mudei muito dentro de mim, mas eu gostaria que (os que não participaram) mudassem também, isso pra melhorar o nosso trabalho em si, porque o nosso trabalho é um trabalho de grupo, e se a nossa*

cabeça e o grupo estiver desestruturado, o grupo todo cai e nunca vai ter um trabalho. Eles reclamam que a criança vai e volta, vai e volta, é claro, a cabeça do grupo não tem estrutura ! E a gente é um espelho pra criança.

- *Eu acho que todo mundo devia passar por esse trabalho que você tá fazendo com a gente, que é bom. Todos os educadores tinham que passar por aqui, inclusive elas, pra aprender um pouquinho a respeitar o outro. (sic) Os educadores acham que é maior do que o apoio, do que a cozinheira, ou que o educador que não tem curso superior, que eu não posso lavar esse chão porque eu sou educador, que eu não posso dar bom dia a você porque eu sou superior. E eu acho que quem tá liderando mostra o exemplo disso tudo que está acontecendo entre nós.*
- *eu falo pouco, não sou de gritar, porque meu pai botou na nossa cabeça que por mais que a pessoa pense que é maior que você, que quer te pisar, aí mesmo é que ela não significa nada, então ela tem que pisar em alguém pra ela se achar melhor. Através daqui eu aprendi a me expressar melhor, mostrar o que é que eu penso.*

A denúncia transformou-se em música, através da criação coletiva de um samba de roda, onde havia o seguinte trecho:

Ôô, ôôôô...

*Aqui é diferente
Ninguém tá pra muito jogo
Se ninguém entende a gente
É porque não fala a língua do povo*

Um dos resultados do trabalho de musicoterapia nesta instituição foi o afastamento da direção.

A perspectiva atual é a do aumento do campo de trabalho em musicoterapia e comunidades. Por isso é necessário que nos preparemos para enfrentar mais este desafio. Precisamos compreender as teorias de grupos; incluir a psicossociologia; pesquisar as expressões musicais grupais, os elementos musicais que têm força nos grupos e como estão sendo utilizados na condução das lideranças locais e globais.

Essa nova atuação da musicoterapia faz parte da nossa contribuição efetiva ao processo de transformar a atitude perversa da globalização, no que diz respeito à manipulação da informação e dos recursos econômicos - que nos separam -, para alcançarmos a consciência universal de que podemos realmente viver juntos (Santos, 2000).

Referências bibliográficas

BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Enelivros.2000.

CAMPOS, R.H. F. 'Introdução A Psicologia Social Comunitária' in CAMPOS, REGINA HELENA DE FREITAS (org). *Psicologia Social Comunitária, da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, Vozes, 1998 (9-15).

CHAGAS, M. *Musicoterapia: desafios da interdisciplinaridade entre a modernidade e a contemporaneidade*. Dissertação de mestrado. Orientador: Dra Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro. UFRJ/EICOS, 2001.

FREGTMAN,C.D. *Corpo, Música e Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Cultrix . 1989.

MILLECO, R *Aplicação de técnicas musicoterápicas na capacitação de equipes multiprofissionais do CEMASI* . Projeto de Pesquisa Conservatório Brasileiro de Música – 2000.

SANTOS, M. *Por uma outra Globalização.Do pensamento único à consciencia universal*, Record, 2000

SAWAIA, BADER BURIHAN. 'Comunidade: a apropriação de um conceito tão antigo quanto a humanidade' in CAMPOS, REGINA HELENA DE FREITAS (org) – *Psicologia Social Comunitária, da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, Vozes, 1996 2ª edição 1998. (35 –53).